

19



# Cinema

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Ano 1º  
Nº 8

Preço  
1,00

# Paramount Films s.a.

VAI APRESENTAR NO

“TIVOLI”, de Lisboa, e no  
“TRINDADE”, do Porto

duas das mais notáveis produções do cinema sonoro:

## FATALIDADE

( X - 2 7 )

um filme de **Josef Von Sternberg**  
com **MARLENE DIETRICH**,  
Victor MacLaglen, Barry Norton e Warner Oland



## O TENENTE SEDUTOR

um filme de **Lubitsch** inspirado na  
opereta “Sonho de Valsa” com

**MAURICE CHEVALIER**,

Claudette Colbert e Miriam Hopkins

Os dois maiores



exitos da temporada



O Chevalier nem quer acreditar na transformação que sofreu a Miriam Hopkins,  
— de princesa fóra de moda, a «femme du monde».

(Uma cena de «O Tenente Sedutor», super-produção da «Paramount»  
que será estreada brevemente)

# O Cantinho dum Cinéfilo

Ouvi, ha pouco, uns zum-zuns de que alguém pensava organizar, ou estava organizando um clube de cinéfilos. Ouvi, mas confesso que não sei a quem. De modo que não posso saber quais as pretensões de quem quer organizar tal clube.

Se fôr um clube de cinéfilos (?) que se limitem a alugar uma sala num terceiro andar, a decorar as paredes com fotografias da Lillian Harvey, da Marlene ou da Greta Garbo, sem outra pretensão que não seja a de passarem parte da noite a conversar ou a jogar as cartas, o assunto não me interessa e dele não me ocuparei. Se, porém, se almeja a formação dum clube onde se reúnam os cinéfilos com o fim de se desenvolverem no que ao cinema se refere, de estudarem o que ao cinema diz respeito, então, permito-me meter a colherada, para lhes dizer... que tal projecto é uma utopia.

Ha já muitos anos que sonhei a fundação dum tal clube, de que se tornariam sócios todos os verdadeiros amigos do cinema. Um clube onde se fizessem palestras ou conferências, com uma sala de projecção onde se exhibissem filmes que fizessem escola, filmes que servissem de pontos de comparação e de estudo, onde se projectassem os trechos cortados pela Censura, onde se passassem as versões originais e integrais de certas películas, etc., etc. Mas tropecei logo com mil e uma dificuldades, das quais as despesas que tal organização acarretaria e a escassez do nosso meio eram as principais.

■ ■ ■

E hoje, como ontem. A formação dum clube de cinéfilos que pretendesse ser verdadeiramente útil aos seus associados, ficaria muito dispendiosa. Os filmes — muito embora se entrasse em qualquer acôrdo com associações similares estrangeiras — custariam muito dinheiro, já pela compra ou aluguer, já pelos direitos de importação. A instalação de aparelhos de projecção sonora, sala de sessões, etc., não custariam pouco.

De maneira que, além de ser preciso um grande número de sócios — e em Lisboa e Pôrto não se arranjarlam três ou quatro centenas — seria necessário uma quota mensal elevada, que poucos, pouquíssimos poderiam ou queriam pagar.

Ele ha por aí muito cinéfilo. Ha muitos que se propo-riam pagar a quota que se estabelecesse. Mas quando o cobrador apparecesse a bater á porta todos os meses — lá se evaporava o cinefilismo!...

Pois se êles assinam as revistas de cinema, e é o diabo para a cobrança das assinaturas!...

Ressalvadas as excepções, é claro, mas estas são de facilíma contagem.

■ ■ ■

De modo que é melhor não pensarem no assunto. Isto entre nós é um meio muito restrito, e ha certos projectos e certos desejos que devem ser postos de parte, mal surjam a preocupar-nos o espirito. Temos que nos contentar com o que possuímos e não devemos imitar ou aproveitar o que se faz no estrangeiro, se isso está fóra das nossas possibilidades.

Satisfaçamo-nos com o que está ao nosso alcance, muito embora não fiquemos estáticos ante os apertados limites desses horizontes. Vamos vendo as fitas como são exibidas nos nossos cinemas, vamos prestando-lhes o nosso culto, e continuemos suspirando pelo cinema nacional. Talvez a produção de fonofilmes em português, depois de entrada na desejável continuidade, possa, com o crescente número de adeptos, com a colaboração dos técnicos que tal produção vai, indubitavelmente, formar, com o aumento dos interessados, ajudar a realização dos nossos desejos da formação dum clube cinéfilo.

Por enquanto, isto está ainda muito verde, e o que se fizesse desde já não seria mais do que tempo e dinheiro perdidos.

Os pares do "écran"

## Laurel e Hardy



Laurel e Hardy, duas verdadeiras caras-metades do cinema. Não pode existir Laurel sem Hardy nem Hardy sem Laurel. Um «team» de cómicos, dos mais queridos do público de todo o mundo.

C  
I  
N  
E  
M  
A  
4

Stan Laurel é Inglês de nascimento... Antes de trabalhar no cinema era artista de «music-hall» no seu país natal com a «troupe» dos «Comediantes Londrinos» de Fred Karno, — na qual Charlie Chaplin trabalhava igualmente... Uma sólida amizade não tardou a estabelecer-se entre os dois jovens actores. Chefes de ambições e ávidos de glória, trabalhavam juntos, passeando os seus sonhos de cidade em cidade...

Chaplin tornou-se rapidamente a «ve-

dette» da companhia. Stan Laurel tinha a missão de o substituir quando era necessário, mas no decorrer dos longos anos quasi não teve meio de mostrar o seu talento de imitador... Charlie chegava sempre tarde... Mas no momento em que se desistia de o ver entrar no palco, Charlie chegava não se sabia de onde, — calmo e sereno...

Em 1910 a companhia embarcou para a América, onde continuou a mesma vida... Chaplin e Stan Laurel relem-

bram muitas vezes esta época heroica que venceram em comum, suportando com fleugma os reveses da sorte e da fortuna...

Em fins de 1912, Charlie Chaplin, contratado pela Keystone C.º com um ordenado com que nunca tinha sonhado, deixou a companhia dos cómicos ambulantes... Pensou-se substituí-lo, — mas em vão... Pouco a pouco o sucesso dos «Cómicos Londrinos» ia desaparecendo, e a «troupe» disseminou-se... O pobre Stan Laurel, privado do seu amigo e do seu ordenadinho, isolado numa terra estrangeira, teve de procurar outro officio... Decidiu imitar Charlie nos teatros dos Estados-Unidos e os negócios continuaram até ao dia em que o acaso duma «tourné» colocou de novo os dois amigos lado a lado...

Tinham, certamente, muitas coisas para contar um ao outro... Chaplin aconselhou o seu camarada a ensaiar o cinema e conseguiu convence-lo... Durante muitos anos, contudo, Stan Laurel não conseguiu fazer-se notar... Era necessário encontrar Oliver Hardy para criar o «duo» que tanta nomeada hoje tem...

Oliver Hardy tinha estudado direito... Mas em seguida a más aventuras, tornou-se cantor num teatro americano. Foi aqui que a «Lubin Company» o descobriu e o contratou... Debutou no cinema com Larry Semon e filmou durante vários anos, esperando melhores ventos...

Stan Laurel e Oliver Hardy realizavam pelo seu físico uma antítese interessante... Stan Laurel, magro, delgado, «agil como um gato», no dizer de Chaplin... Oliver Hardy, enorme, massiço, bojudo... Compreenderam desde logo o partido que podiam tirar do seu físico — e a verdade é que constituem hoje um dos melhores «pares» cómicos do cinema americano.

Stan Laurel, tendo vivido muito tempo na intimidade de Chaplin, tendo-o copiado durante muito tempo, — devia necessariamente sofrer a sua influência. No seu tipo e nas suas intenções encontramos muitas vezes esta influência.

Nos seus filmes repletos de interessantes «gags», Laurel e Hardy vão directamente à intenção, à realização, sem se lembrarem dos entraves que a lógica lhes pode opôr... O seu cómico é baseado na ausência de reflexão, ou melhor, na ineficácia da reflexão. A impassibilidade nas mais cómicas aventuras, a obstinação no irrealizável, a execução imediata das intenções menos admissíveis constituem o melhor dos seus «aperitivos» para o riso e mostram como é inextinguível a sua «veia» cómica...

P. L.

«The Lives of a Bengal Lancer» (Vida de um lanceiro da Bengala) está sendo sincronizado no estúdio, em Hollywood. O filme foi tomado em parte na Índia, por Ernest Schoedsack, o produtor de «Chang» e «Rango», tendo sido o restante filmado no estúdio. E' um grande melodrama indiano.

# O "sex-appeal" dos astros

Em muitos romances modernos, e notadamente nos livros de Henry Bardeux, vemos as raparigas, e das de melhor sociedade, declararem espontaneamente o seu amor a certos rapazes... Ha neste gesto uma franqueza e uma simplicidade que são verdadeiramente tocantes. Devemos notar que as uniões que começam assim são as mais felizes, porque antes que uma rapariga triunfe das tradições e da púdica timidez do seu sexo para se arriscar a tal passo, é preciso que tenha hesitado muito tempo, meditado, e avaliado a qualidade dos sentimentos que a animam.

Críticas ou aplaudidas, estas mulheres adoráveis marcam um sinal dos tempos: a mulher de hoje, conhecendo a fundo as suas funções e os seus deveres de esposa, não se resigna a um papel passivo. Examina, compara, aprecia as qualidades dos homens que a cortejam... e faz uma escolha... Evidentemente, por muito equilibrados que sejam os cérebros femininos, esta selecção não se faz no único tribunal da fria e calculada razão... O coração, muitas vezes, propõe e dispõe as coisas a seu modo... A sedução masculina não se resume num tipo convencional... As mulheres teem diante de si uma carta de «amostras» de tudo o que pode agradar num homem, e que é, muito simplesmente, o «sex-appeal» masculino...

Lemos em algures uma estatística, falsa talvez, que pretendia que os homens mais amados pelas mulheres são os «boxeurs», os acrobatas e os oficiais da marinha...

O responsável deste estudo sobre o coração das mulheres cometeu um grande esquecimento que nós queremos reparar, — e é por isso que vamos falar em artistas de cinema.

Quando andávamos no liceu, um velho liceu da provincia, descobrimos entre as páginas de um livro de uma nossa condiscípula uma fotografia do Ramon Novarro... Surpreendeu-nos esta descoberta, porque o livro pertencia a uma das nossas mais apagadas condiscípulas, à mais anémica, à mais insignificante de todas... Quando viu nas nossas mãos o precioso retrato, animou-se, envergonhada e fugiu bruscamente com o livro...

Descobrimos neste dia que as raparigas das escolas e dos liceus amam os artistas de cinema, — e que Ramon Novarro tinha muito «sex-appeal»...

Não contámos este incidente senão para condenar os exage-

ros que o snobismo, a histeria ou a diminuição das faculdades mentais provocam muitas vezes. Não queremos pensar nos amores ingénuos, mudos, sem esperança, que estão fechados na sombra cúmplice de uma sala cinematográfica quando a música e o cenário aparecido no pano branco compõem um quadro tam diferente da realidade cotidiana que fazem entrever a poesia aos que ignoram os poetas...

O acrobata, o «boxeur» e o marinho possuem largas espáduas, — uma compleição física invejável, e agradavam por completo... O encanto dos ídolos do «écran» é menos essencialmente físico: participa tambem da sua alma, — pelo menos daquela alma que eles parecem ter...

Um, como Charles Rogers, é jovem e alegre... Outro, como Charles Farrell, está cheio de sã alegria e de uma força que gosta de ignorar... Clive Brook, com uma cara impassível, é irresistível e sentimental... Henry Garat parece ser o bom camarada familiar e encantador, de humor tam alegre como um dia de sol... Mas as meninas mais concentradas amarão Gary Cooper pelo seu sorriso terno e triste, pelos seus olhos claros, e pela sua rudeza que sempre acaba em doçura...

... E quando uma dactilografa ou uma «manucure» nos pede com insistência um retrato de Ramon Novarro ou de William Haines, nós fazemos sempre o possível por lhe fazer a vontade, pensando que ele será dependurado por cima dum leito estreito e acanhado...

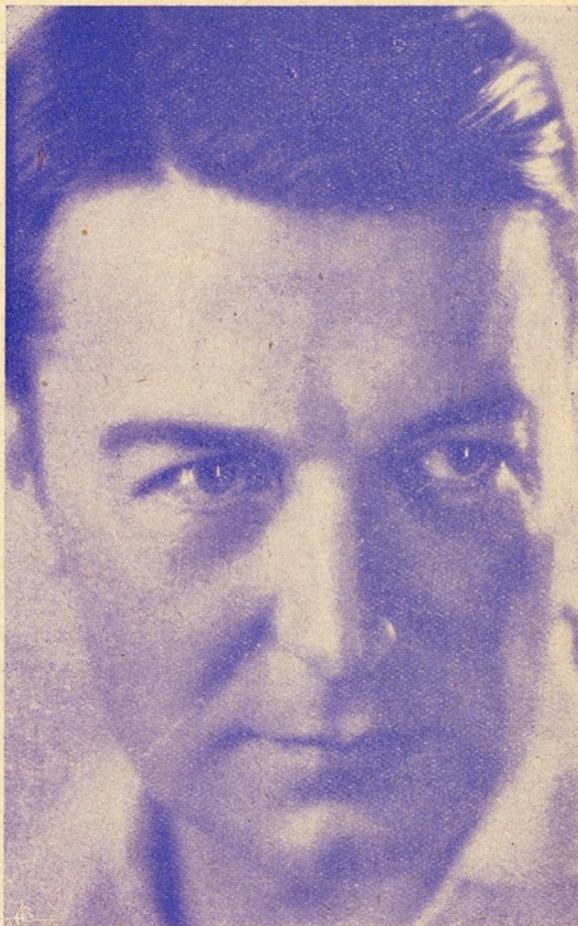
JANTOS.

## Edmund Lowe entra para o elenco da "Paramount"

Um dos mais apreciados artistas do cinema americano — Edmund Lowe — acha-se hoje no elenco dos grandes «players» da «Paramount».

Durante nove anos, Lowe pertenceu à «Fox Film». Contratado recentemente pela «Paramount», interpreta actualmente o filme «Sensation», que é versão de uma peça teatral em que ele ha anos trabalhou, criando o seu personagem principal.

Edmund Lowe é marido de Lilyan Tashman, que trabalha presentemente no estúdio da «Paramount» de Nova York em «The Wisser Sex» («O Sexo Prudente»), filme em que tambem veremos Claudette Colbert, a grande interprete de «O Tenente Sedutor».



Clive Brook, com uma cara impassível, é irresistível e sentimental...



Ramon Novarro, que veremos brevemente no filme sonoro «Ben-Hur», tem muito «sex-appeal»

A TODOS: — Meus caríssimos correspondentes: Isto tem que ir aos pouquinho: os, porque o espaço apertado, e os compositores veem-se e desejam-se para meter tanta gravura e tanto texto em 16 páginas, e nós não podemos, por enquanto, passar das 16. Portanto, não me censurem quando esta secção ficar de fóra, ou quando algumas respostas sejam publicadas com atraso. Temos que sofrer todos! E Cristo ainda mais padeceu!

PAMPLINAS II: — Ora seja muito bem reaparecido! Eles cá voltam todos, os meus antigos e fiéis! Sobre cinema português, ainda está tudo muito atrasado. Mas lá iremos, com boa vontade, paciência, e *móni*, como dizem os ingleses... 1.<sup>a</sup> — Ainda se ignora, no momento em que escrevo, em que cinema será exibido «O Século Cinematográfico». 2.<sup>a</sup> — Sim senhor, virão mais filmes pelo «noiseless system». 3.<sup>a</sup> — Se virá mais algum filme da Anita Page, esta época? Então você atreve-se a falar na Anita, sem licença do «Je t'aime, Anita Page»?

LUIZ CARVALHO: — 1.<sup>a</sup> «Luzes da Cidade» ainda não foi comprada para Portugal, e não se sabe, portanto, em que cinema será exibida. 2.<sup>a</sup> — Sobre a direcção dessa actriz, volte a escrever-me daqui a dias, porque a tenho aqui presente.

CINCOENTA POR CENTO: — Com o «bonus» do «Cinema tão não?» 1.<sup>a</sup> — O «Jornal Fox» não traz notícias de Portugal, porque a «Fox Movietone» acha que não tem acontecimentos suficientemente importantes para cá mandar um caminhão sonoro. Ha tempos esteve um em Lisboa, e parece-me que tirou uns aspectos da chegada do Príncipe de Gales. E foi só. Talvez mandem cá outro, quando se anunciar uma revoluçãozinha... 2.<sup>a</sup> — E' provável (e, como tal, não é certo) que o «Trindade» leve esta época algum filme de Douglas pai, pai do Douglas Filho. 2.<sup>a</sup> — Não se anuncia «A Ilha Misteriosa», e supponho que não será exibida tam cedo, apesar-de já estar envelhecendo muito...

Fazer mais de 3 perguntas, para aproveitar o espaço em branco do postal? Nem pensar nisso! Ou os camaradas tipógrafos caíam com uma síncope cardíaca, ou esta secção era publicada de 3 em 3 números!

17 JUNHOS EM FLOR! — Ai! Que poético! Olhe diga-me o dia ao certo, que é para eu lhe mandar uma prenda! Mando-lhe um retrato que o Director tem na escrivaninha dele, e que diz, traduzido, mais ou menos o seguinte: «Ao meu querido A. A. P., com as melhores recordações da Maria Paudler. Mas parece-me que a dedicatória foi escrita por ele...»

Não posso satisfazer o seu pedido, da publicação do retrato de Chevalier em «O Café do Felsbert» ou em «A Canção de Paris». Mas prometo que sairá no

## Correspondência

«Cinema», brevemente, uma boa fotografia do seu preferido em «O Tenente Sedutor». Ai, quando Você vir «O Tenente Sedutor»!... Sylvia Sidney trabalha ha pouco tempo. A sua primeira fita foi «Ruas da Cidade». E que estreia!

Muito obrigado pelos votos de felicidade cá para a revista. E cá fico esperando mais notícias. Eu gosto das lsbocetas, sabe?

CARLOS ALBERTO BRANCO: — 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> — Clara Bow está actualmente tratada pela «Columbia», mas não está fazendo nenhum filme, por enquanto. 3.<sup>a</sup> — Já tenho dito várias vezes que não podemos aceitar correspondência para outros leitores. Ficava aqui um correio geral que me fazia uma confusão de mil



Francis X. Bushman e Ramon Novarro em «Ben-Hur», cuja versão sonora será estreada ainda este mês

diabos. E depois, que espaço não ocupava esta secção, se começasse a dizer: «O leitor A. quer corresponder com a leitora B.» «O leitor C. oferece o retrato do director do «Cinema», à leitora mais bonita da secção (aposto em como respondiam todas) que lhe mandar o dinheiro para o porte do correio (e não era caro, um tal retrato...)» «A leitora X, pede ao leitor Z. para lhe mandar os postais que lhe prometeu», e outras coisas semelhantes. Credo! Deus me livre!

Não maça nada escrevendo-me todas as semanas, como promete. Mas antes, ha-de dizer-me uma coisa: Como foi parar o «Cinema» a Mourisca do Vouga?

JE T'AIME, ANITA PAGE: — A resposta à carta anterior saiu no n.º 6 ou 7. Lela o que digo sobre a rubrica «A Todos». Não posso «trocar em miúdos», na presente ocasião, os «cinco pés, as 4 polegadas» de altura e as 104 libras de

pêso da Sylvia Sidney. Falta-me o compasso, o transformador e a tábua de logaritmos. Fica para o próximo número, sim? O carro em que Gary Cooper aparece em «Ruas da Cidade» é, como diz, da marca «Lincoln».

A' última pergunta «Se as mulheres do cinema só sabem amar nos filmes», é que não sei responder. Vou perguntar ao Director, que êle já tem experiência própria...

MARY...: — Não vão as últimas letras do seu pseudónimo, que não conseguí decifrá-las. De «Dancing Dynamite», só sei que é interpretado por Richard Talmadge. E até aí já o meu amigo sabe. O que ignora é que este não é o seu primeiro fonofilm.

DOUTOR PATILHAS: — Ficamos todos muito gratos pelas suas felicitações.

1.<sup>a</sup> — Sim senhor, pode escrever em português a José Mojica, «Fox Studios», Movietone City, Calif. (U. S. A.). 2.<sup>a</sup> — Corina Frelre, Teatro Maria Vitória, Parque Mayer, Lisboa. 3.<sup>a</sup> — A actriz de que eu mais gosto? Mas eu gosto de tantas! Só o Director é que me leva a palma: gosta de mais uma do que eu.

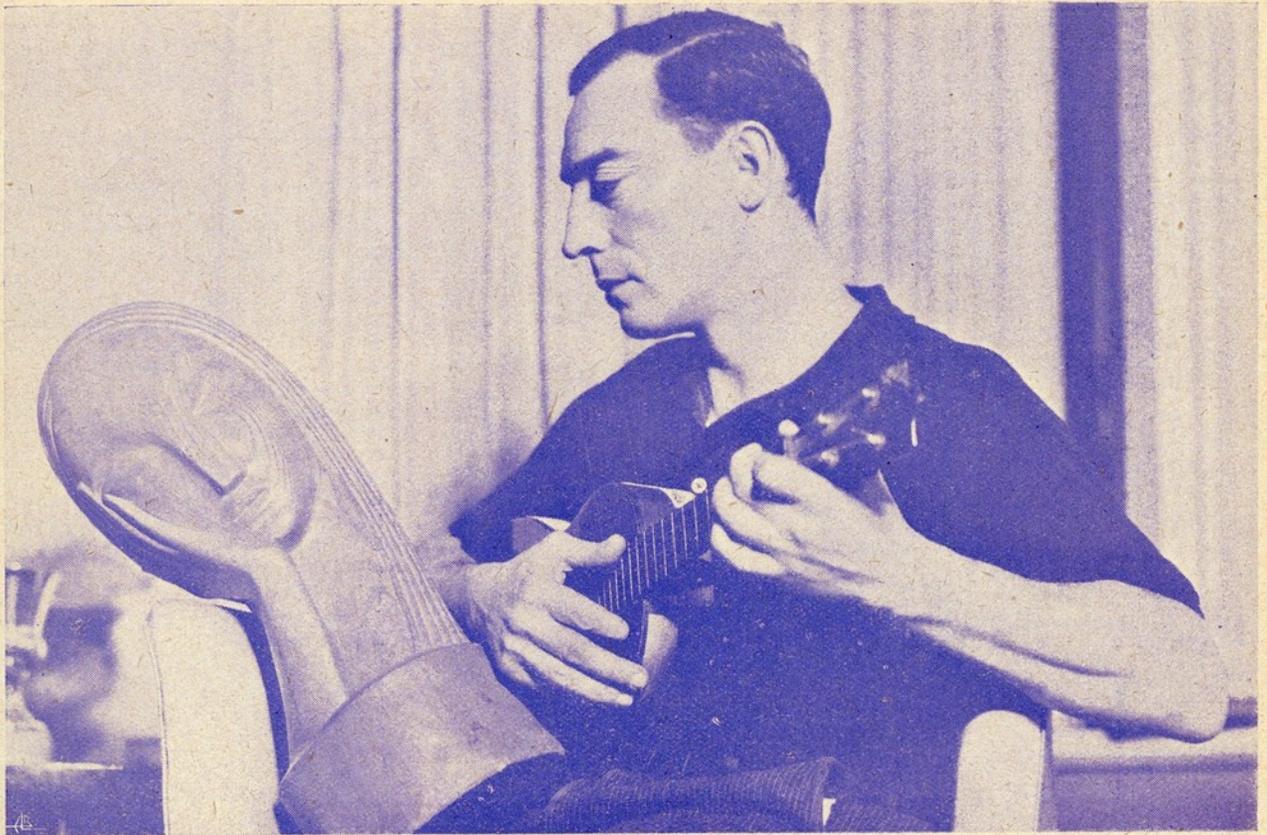
MENITA: — Olhe Menita, a sua carta chegou às minhas mãos com a indicação de a enviar depois para a Administração, a fim de aí ser dado conhecimento de que Você quer pagar e não lhe apresentam o recibo. Trata-se dum fenómeno, desconhecido até hoje, e eu devia, portanto, entregar a carta imediatamente na Administração. Mas depois êles nunca mais mandam, e eu quis primeiramente agradecer-lhe todas as suas boas palavras. Então não gosta do meu pseudónimo e queria «poder empregar um diminutivo galante»? Olhe, chame-me «Eu sei tudo». E se Você, lá de Silves, continua a enviar-me palavras tam lindas, quando mal se peccataram, o «Cinema» fica sem secção de «Correspondência» e o «Eu

Sei tudo» desaparece do Porto. Vai para o Algarve!

OS OUTROS... que tenham paciência! Ficam para o próximo número... se houver licença dos amigos compositores.

EU SEI TUDO.

Ernst Lubitsch, o famoso realizador, de que veremos brevemente «O Tenente Sedutor», com Maurice Chevalier e Claudette Colbert, está fazendo os preparativos para a produção duma peça musical que deverá ser representada em Nova-York. Lubitsch esteve em Nova-York conferenciando com Albertina Rasch, tendo ficado estabelecido que esta conhecida bailarina ensaiaria e dirigiria os números de baile.



**B**uster Keaton, o esfingico e enigmático Pamplinas, não é somente um grande actor cómico, mas também um grande filósofo com ideias modernas, desempoeiradas... Os seus conselhos amorosos são verdadeiramente interessantes — e lapidares...

Pamplinas também sabe amar, — eis o título para uma novela romântica e sentimental... Mas agora não se trata de uma novela: vamos apenas traduzir de um jornal newyorkino algumas passagens mais interessantes das suas revelações amorosas.

«Ainda ninguém definiu o amor, — começa Buster Keaton —, e enquanto o homem for uma criatura racional, ninguém o conseguirá. Porque o amor é essencialmente uma paixão irracional, que não pode ser analisada, dissecada ou examinada ao microscópio. E sobre tudo não se pode discutir esta paixão...»

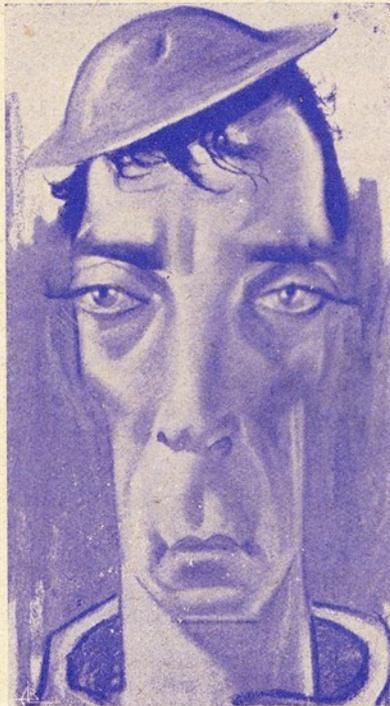
Depois de fazer esta asserção, Pamplinas continua o seu artigo com uma série de «vontades» de espírito...

«Comparou-se o amor ao sarampo. Adoecce-se, e depois curamo-nos com facilidade. Só muito raramente se morre desta doença... A primeira agonia de uma desilusão pode parecer mil vezes mais amarga que a morte, — mas a agonia, neste caso, é coisa passageira!... A minha experiência não me leva a crer que um ou dois ataques sejam suficientes para imunizar o paciente. Pelo contrário... A doença às vezes complica-se...»

Como veem, Buster Keaton fala com conhecimento de causa, «ex-cathedra»... E chega a afirmar com convicção:

«O amor é um estado de espírito que agrada ao homem e à mulher. A verdade é que eles gostam de ser amorosos. Se

## Pamplinas e o amor



Buster Keaton, o nosso conhecidíssimo Pamplinas, diz que «o amor é uma doença de fácil cura». Não é isso o que parece demonstrar a gravura acima, em que Pamplinas, de-certo adoentado com qualquer mal do coração, ensaia a próxima serenata à sua Dulcineia. E, agora, preguntamos nós: A Nathalie Talmadge consente?

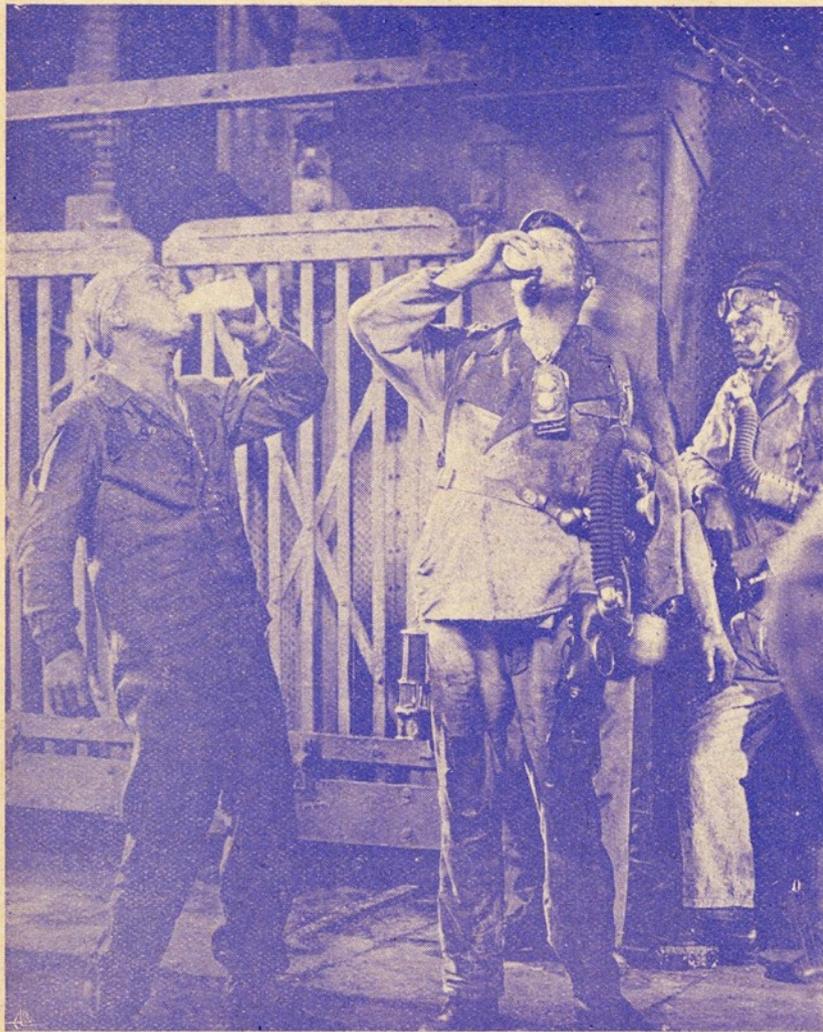
êle não tivesse encontrado esta, encontraria aquela e teria também amado... E' somente aos olhos dum rapazola sem experiência que a mulher eleita é superior a todas as outras mulheres. O homem experiente sabe muito bem que a mulher que o seduziu não é melhor que as outras, — nem mais bonita, nem mais inteligente, nem mais espiritual...»

Pamplinas é fatalista, acredita no «estava escrito» — :

«Não, mesmo que ela tenha defeitos que não possam ignorar, mesmo que o homem tenha a certeza de que não será muito mais feliz quando ela lhe pertencer, — isto não tem nenhuma importância. E' precisamente isto que fascina, que prende. O homem não pode nada. E' o domínio da Fatalidade.»

«Seria do meu dever dar bons conselhos sobre assuntos amorosos aos meus admiradores. Mas afinal para que serviriam eles?!... Sei perfeitamente que perderia o meu rico latim, — e que os meus admiradores continuariam como até aqui... As pessoas que pedem conselhos sobre esta delicada questão não seguem nunca as indicações dadas. — E para que as haviam de seguir?... Eles é que são os apaixonados, e não o amigo esperto que sabe dar muito bons conselhos... Eles fixaram o valor da mercadoria que querem obter e sabem com o que podem contar. Se o objecto do seu amor não tem valor para os outros, — a verdade é que isso só a eles interessa...»

E' assim que Pamplinas faz nos seus filmes, — quando se encontra transformado num apaixonado D. Juan... E êle tem razão, meus amigos!... Não é verdade?... E' também assim que pensa a



Realização de G. W. Pabst  
Produção da «Nero-Film A. G.»  
Distribuído pela Agencia Cinematográfica  
H. da Costa, Limitada

PRINCIPAIS INTERPRETES

Daniel Mendaille ..... Jean  
George Chartier ..... Emile  
Andrée Ducret ..... François

nando os edifícios, pegou numa lâmpada e, por uma passagem desviada, alcançou a escadaria de acesso às escadas que permitiam descer à fossa.

Com uma agilidade surpreendente na sua idade, o velho contramestre encontrou-se rapidamente no fundo das escadas e desceu à galeria. Havia ali um cheiro acre de fumo; mas prosseguiu na sua corrida. Não tardou a tropeçar nos escombros e viu um corpo esmagado; depois outro. Precipitou-se para a frente, chamando: «Jorge!» De subito, caiu num charco, levantou-se e continuou, de água até à cinta; por fim, sabendo onde geralmente trabalhava o seu neto, conseguiu chegar ali e descobriu um corpo inerte, meio afogado. Pegou nele, encos-

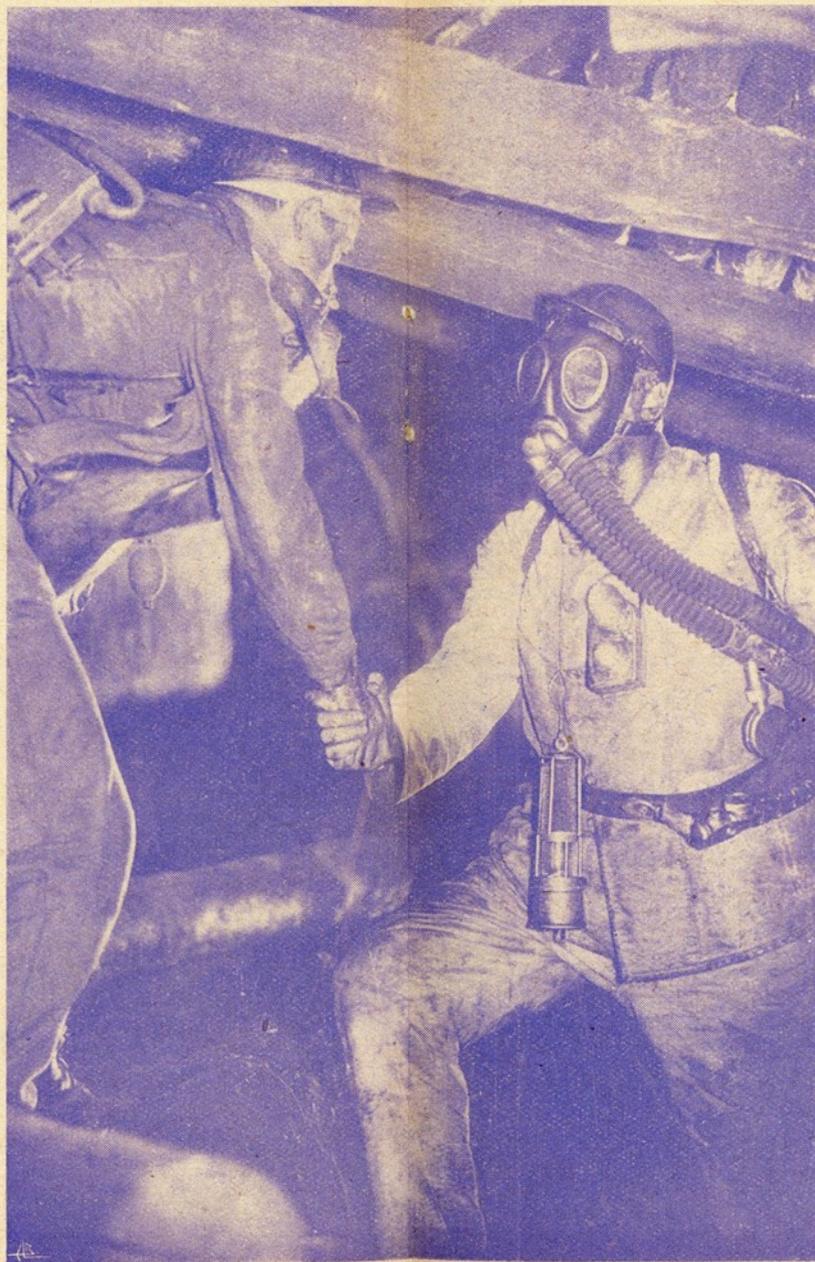
tou a cabeça ao peito e soltou um grito de triunfo: a criança vivia ainda!

Entretanto, os mineiros que tinham ficado à superfície, organizavam os primeiros socorros. Os salvadores, munidos de aparelhos respiratórios, desciam em turnos, para procurar os seus camaradas.

Numa mina alemã do outro lado da fronteira, os mineiros abandonaram o trabalho logo que souberam da notícia: havia fogo do lado francês! Um deles, Hans, disse logo para os outros:

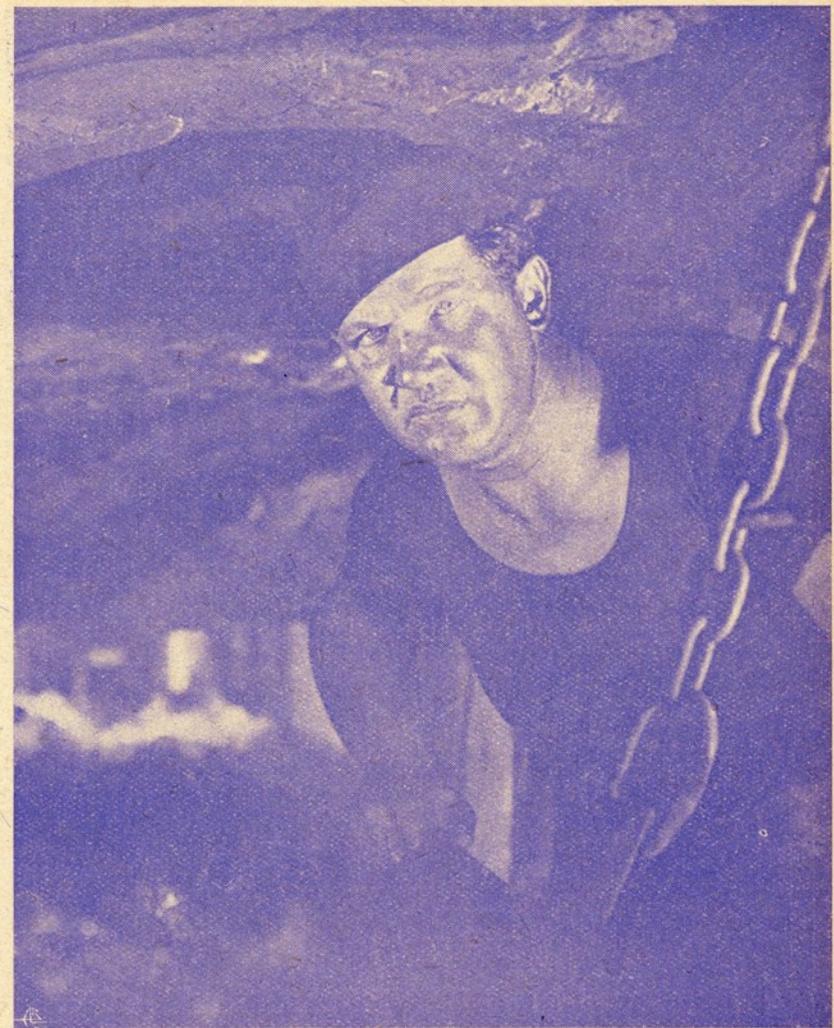
— Talvez não tenham salvadores que cheguem; o nosso dever é ir lá. Que dizem?

— E quem nos pagará se sobrevier algum acidente? Observou alguém.



a  
t  
r  
a  
g  
é  
d  
i  
a

d  
a  
m  
i  
n  
a



Num dos centros mineiros vizinhos da fronteira alemã, os mineiros franceses dispunham-se alegremente a subir, porque era sábado e o dia seguinte destinava-se ao descanso. No entanto, um dos engenheiros fô-a com o contramestre ao fundo duma das galerias onde o incêndio lavrava havia já alguns dias. Tinham-no circunscrito, vedando a passagem do ar com um muro, detrás do qual o fogo acabaria sem dúvida por se extinguir, e o engenheiro ia verificar esses trabalhos de defesa. Pôs a mão nos tijolos ardentes, fez uma careta e declarou:

A brigada de vigilância deverá aproveitar o domingo para fazer outro muro de barragem diante deste. E não se destrua nada até segunda ordem, para evitar estragos.

Chegara o domingo. Enquanto, a seiscentos metros debaixo da terra, a brigada de vigilância construía o muro, os outros mineiros aproveitavam-se alegremente do seu dia de descanso. Havia muita gente no baile do Kursaal, e, entre os dançadores, giravam dois jovens, Emílio e Francisca, irmã de João. Emílio e João, ambos mineiros, eram amigos de infância. Francisca, que trabalhava em Paris, tinha vindo passar alguns dias com a família; devia regressar no dia seguinte. Muitas vezes ela tentara levar os seus para a capital; mas, habituados à mina, all queriam ficar.

No dia seguinte, depois de se despe-

direm dela, João e Emílio partiam para o trabalho. Francisca dirigiu-se para o comboio, acompanhada da mãe. Mas, quando o comboio se punha em marcha, viu-se uma espessa fumarada sair do alto dum dos ventiladores que arejavam o subsolo.

— Ha fogo! — disse alguém. Francisca tentou saltar a terra, mas os seus companheiros de viagem retiveram-na a tempo.

Havia, com efeito, incendio no subsolo, e a noticia espalhara-se com rapidez por toda a parte. E de toda a parte vinha acudindo gente, ferindo o chão os tamancos e os sapatos duma multidão inquieta.

— Ha fogo na mina Thibaut, — clamou uma voz.

A'quele grito, o antigo contramestre Martin, reformado havia meses, desatou a correr por sua vez, angustiado, porque o seu neto Jorge era auxiliar de via naquela mina. Quando chegava às grades, ao mesmo tempo que as mulheres, os gendarmes fecharam o portal para impedir a entrada. Mas appareceu um carro de ambulância, diante do qual a porta de claraboya teve de se abrir de novo. O velho Martin saltou para o estribo do carro e conseguiu dessa forma entrar. Os lugares eram-lhe familiares havia muito e dirigiu-se para o cabrestante que descia os cestos para a mina; mas foi afastado pelos engenheiros. Então, contor-

Hans olhou-o, deu alguns passos para a saída e declarou:

— Os poltrões podem ficar!

Aquilo resolveu todos os outros, e, daí a pouco, estavam uns trinta diante do gabinete do director. Este concedeu-lhes a autorização pedida e avisou pelo telefone o sr. Berteux, director da mina francesa, do socorro que lhe enviava em camiões. Num momento, os salvadores alemães equipados corriam para a fronteira, que transpuseram a toda a velocidade, em face dos aduaneiros, espantados...

Numa das galerias da mina alemã, três mineiros: Kalper, Otto e Wilhelm, souberam, por sua vez, do acidente sucedido na mina francesa.

— Se houvesse descanso, — disse Kalper, poderíamos lá ir; mas estamos aqui...

— Estando aqui, estamos ainda mais perto, — disse Wilhelm; a grade fronteira não fica longe. Vamos ver...

Caminharam pela galeria deserta e chegaram a uma forte grade, por cima da qual havia esta inscrição: «Fronteira, 1919».

— Temos de passar! — disse Kalper.

E, à marretada, fizeram saltar as barras de ferro, depois seguiram. De subito, Wilhelm teve um sobressalto e disse:

— O génio da mina.

Apontava com o dedo um velho de barba branca, o qual aguentava nos bra-

ços o corpo dum mancebo. Era o velho Martin, que se esforçava por reanimar seu netinho. Os três homens auxiliaram-no; mas, enquanto estavam ali, produziu-se uma nova derrocada, que vedou toda a saída.

... João e Emílio tinham sido surpreendidos pela explosão numa das extremidades da galeria. Conseguiram fugir alguns momentos através da fumarada sufocante, depois perderam-se. Meio-abafado, Emílio não tardou a cair no chão; João carregou-o às costas e prosseguiu caminho. Andou assim muito tempo, às escuras. Por fim, esgotado, deixou-se cair com o seu companheiro. No entanto, por uma espécie de instinto, apalpou à roda e, encontrando um tubo de ferro perto, bateu em cima repetidas pancadas com uma chave inglesa, para revelar a sua presença pelas vibrações que se propagavam ao longe. Quantas horas estaria assim batendo?... As forças abandonaram-no e a febre zumbia-lhe na cabeça. De subito, ouviu passos e som de vozes em que reconheceu o acento alemão.

— Os alemães! — murmurou.

Em seu cérebro febril, essa língua evocava terríveis recordações: imaginava-se soldado, ao parapeito duma trincheira, sob o bombardeamento. Da trincheira adversa, surgiam homens vestidos de gris-esverdeado, trazendo máscaras de gás. E precisamente a alguns passos uma

## Ouvimos dizer...

que, em princípio, está marcada para segunda-feira, 28 de Março, a estreia de «O Tenente Sedutor» no «Tivoli», de Lisboa.

que na semana seguinte, este filme será estreado no «Trindade», do Porto.

que virão para Portugal duas cópias daquelle película.

que o sr. Vicente Alcantara, para se dedicar activamente à exploração do «Royal», safu da Comp.<sup>a</sup> Cinemat.<sup>a</sup> de Portugal.

que em meados ou fins de Abril o «São Luiz» estreia a nova fita de Lilian Harvey e Henry Garat, «La Fille et le Garçon».

que o título desta fita em português, «Caprichos d'Amor», foi substituído por «Dois Corações a Compasso».

que chegou na terça-feira última a Lisboa, a Senhora D. Elisa Costa, esposa do conhecido cinematografista português residente em Paris, H. da Costa

que o «Batalha» reexibirá em 1 de Abril o filme «Matou» e em 8 estreará «O Vingador», que tanto sucesso acaba de obter no «Olimpia», de Lisboa.

que o «Olimp'ia», do Porto, reexibirá muito brevemente o famoso filme «O Congresso que Dança».

que é provável que a Agência H. da Costa adquira para Portugal «O Testamento do Dr. Mabuse», o novo filme de Fritz Lang.

que não ata nem desata o assunto de «Luzes da Cidade», para Portugal.

que está sendo tratado por muita gente, o que só prejudica a sua exibição entre nós.

## Ecos das novas produções da «Paramount»

Grande é a actividade no estúdio «Paramount» na Costa do Pacífico. Com todos os «sets» a trabalhar noite e dia, aumenta o número de fitas que entram presentemente em produção.

Havendo muitas fitas já terminadas, sabemos que oito novas produções estão no departamento de edição, enquanto o plano geral de trabalho inclui nada menos de vinte e sete filmes.

Entre os mais adiantados em produção podemos mencionar «He Met a French Girl» (Ele conheceu uma francesa), com Lily Damita, Charlie Ruggles, Roland Young e Cary Grant; «The Broken Wing» (Asa partida...), com Leo Carrillo e Lupe Velez; «Sky Bride» (A Noiva do Espaço), com Richard Arlen, Frances Dee e Jack Oakie; «The Black Robe» (O Manto Negro), com Fredric March e Kay Francis; «Thurder Below» com Tallulah Bankhead e Paul Lukas; «Beauty Parlor» (Salão de Beleza), com Phillips Holmes e Carole Lombard; «The Miracle Man» (O Milagroso), com Sylvia Sydney, Chester Morris, Irving Pichel e John Wray; «Dancers in the Dark» (Dançarinos no Escuro) com Miriam Hopkins, Jack Oakie e William Coffer Jr.

## Maria Alba substitui Lupita Tovar

A última hora, Douglas Fairbanks, que tinha escolhido a mexicana Lupita Tovar para a primeira actriz da fita que vai fazer nos Mares do Sul, substituiu-a pela actriz espanhola Maria Alba (Maria Casajua). Douglas, Maria Alba, Willian Farnum, o realizador Edward Sutherland e vários pessoal técnico partiram de São Francisco, no dia 17 de Fevereiro, a bordo do «Makura, com destino a Papeet, Tahiti,

## Comentário... a «Comentários»

A «Invicta Cine», ainda a propósito do «Batalha» ter exibido «O Rei dos Borlistas» na mesma ocasião em que o «Águia d'Ouro» passou «O Rei da Graxa», lá vem a pretender desmentir o «Comentário... a «Comentários» do nosso a.º 6.

Pretende, mas não o consegue, por que não tem argumentos de prova. Diz que o autor do tal comentário conhece bem o movimento interno dos cinemas, mas não prova nada, antes pelo contrário. Diz que a estreia de «O Rei da Graxa» estava anunciada há muito, o que não prova, nem prova que o «Batalha» não tivesse marcado anteriormente «O Rei dos Borlistas».

Tudo verborreta, tudo garganta! Ou, como diz a Beatriz Costa no «Mexilhão»: *Tudo emaranhado, tudo emaranhado, tudo emaranhado!*

Quanto à defesa que a nossa revista fez do «Batalha», é de todo o ponto certa. Nós defendemos tudo o que é justo. Mas sem ferimos ninguém que não nos tenha ferido. O mesmo não faz a «Invicta Cine». Para conseguir os seus fins, só à custa de ataques feitos a outrem, de beliscadelas que não ficam nada bem às

qualidades morais que os jornalistas que o sabem ser devem possuir, a demonstrar claramente que a «Invicta Cine» é um orgão do...

Ai, o que nós vamos a dizer, sem nos lembrarmos dos tribunais!...

Ainda estamos à espera *duma...* e já nos vamos a meter *noutra!*

Livra!...

## O «Trindade» contrata importantes películas

A empresa do «Trindade» informa-nos de que acaba de fechar contrato com a Agência Cinematográfica H. da Costa, Ltda. para exibição de quatro grandes filmes distribuídos por aquela Agência, filmes que se anunciam como dos maiores êxitos da temporada.

São êles: «A Tragédia da Mina», que é a coroa de glória de G. W. Pabst, um dos melhores trabalhos do fonocinema, considerada por muitos críticos como a mais perfeita obra do cinema sonoro; «A Princesa Encantadora» («Ronny»), filme-opereta da «Ufa», cantado e filmado em francês, interpretado por Kate de Nagy, a graciosa protagonista de «A Loucura de Monte Carlo»; «Partir», uma produção francesa tirada do livro do mesmo nome de Dorgelès, uma película de delicioso entretcho, que tem como principal intérprete a grande e linda actriz francesa Simone Cerdan; e, por último, «Dois Corações a Compasso», a mais recente super produção da «Ufa», filme-opereta falado e cantado em francês, dirigido por Wilhelm Thiele, o famoso realizador de «O Caminho do Paraíso» e «O Senhor Director», e interpretado por Lilian Harvey e Henry Garat, os dois artistas tão queridos de todo o público, os mais populares do cinema de hoje.

E como o «Trindade» já contratou «Ben-Hur» sonoro, com Ramon Novarro, «Fatalidade», com Marlene Dietrich, «O Tenente Sedutor», com Maurice Chevalier, etc., fácil é de verificar que este cinema, a despeito da baixa sensível que ha pouco sofreram os seus preços, continuará exibindo algumas das produções cinematográficas de maior valor.

## Efemérides da semana

12 a 18 de Março

- Março 12 (1920) — Estreia-se no «Jardim Passos Manuel», do Porto, a fita «Juramento Segrado», com Geraldine Farrar.
- 14 (1919) — Estreia-se no «Cinema Condes», de Lisboa, a fita «Mdinettes», com Suzanne Grandais.
- 15 (1920) — No «Olimpia» e «Chiado Terrasse», de Lisboa, estreia-se a fita em 15 partes, «Tarzan, o Homem Macaco», com Elmo Lincoln.
- 16 (1897) — Nasce em Keokuk, Yowa, o actor Conrad Nagel.
- 17 (1920) — Por escritura desta data, organiza-se em Lisboa a «Portugal-Film», de que fazem parte Salomão Levy Jr., Dr. Augusto de Castro, Leopoldo O'Donnell, Julio Petra Viana, D. José Barahona, e outros individuos em destaque no meio cinematográfico lisboeta.
- 18 (1920) — Estreia-se no «Olimpia», de Lisboa, a fita «Charlot Prestamista», com Charlie Chaplin.

# Dentro e Fora dos Estudios

Fay Wray, que já terminou o seu contrato com a «Paramount», está agora na «Universal», onde está fazendo a primeira actriz de «Stowaway». Fay Wray esteve cinco anos na «Paramount», e ainda ha pouco a vimos em «A Debandada», ao lado de Richard Arlen.

Tom Mix, que há pouco se divorciara de Victoria Forde, casou no dia 15 de Fevereiro com Mabel Hubbel Ward, de 24 anos, uma reputada artista de circo. O casamento realizou-se em Mex'cali, no México, perto da fronteira americana.

## O próximo filme de Greta Garbo

Logo que termine «Grand Hotel», a que se está dando os últimos retoques, Greta Garbo vai interpretar para a «M-G-M» a fita «As You Desire Me», duma peça de Luigi Pirandello. George Fitzmaurice, responsável por «Mata Hari», será o realizador, e, dos restantes interpretes, apenas se sabe que Eric von Stroheim terá um dos principais papeis ao lado de Greta Garbo.

Está sendo terminada, nos estúdios da «M-G-M», em Culver City, a fita «Grand Hotel», que, como já dissemos, inclui Greta Garbo, John Barrymore, Joan Crawford, Wallace Beery, Jean Hersholt, Lionel Barrymore e Lewis Stone.

George Cukor, que terminou a direcção de «Uma Hora Contigo», terá a seu cargo uma nova fita — «The Flagrant Years», na qual trabalharão Phillips Holmes e Carole Lombard.

## Charlie Ruggles faz parte do filme de Chevalier

Tendo desempenhado à maravilha a sua parte na versão inglesa de «O Tenente Sedutor», Charles Ruggles foi novamente escolhido para trabalhar ao lado de Maurice Chevalier em «Uma Hora Contigo»... Note-se que essa «hora» não é com Charlie (!) mas sim com Jeanette MacDonald, a esplendida «estrêla» de «A Parada do Amor», que novamente se encontra no elenco da «Paramount».

Mas, terminado o filme de Chevalier, foi Charlie escolhido para fazer a parte cômica de «He met a French girl» (Ele encontrou uma francesa), uma das novas produções no estúdio da Costa do Pacífico. Charlie foi removido ha pouco do estúdio de Nova-York, onde estivera trabalhando em «The Girl H-bit».

Já entrou em actividade a produção da nova fita de Harold Lloyd, cujo titulo ainda se ignora. Harold conseguiu que a «Columbia» lhe emprestasse a actriz Constance Cummings para a primeira actriz da sua nova pelicula, que foi começada no dia 22 de Fevereiro, tendo Harold Lloyd alugado uma parte dos estúdios da «United Artists», onde a fita está a ser feita.

Erich Von Stroheim acaba de sair da «Fox», para a qual estava escrevendo «Walking Down Broadway», que deveria tambem d'rigir. Vai interpretar um dos papeis do próximo filme de Greta Garbo para a «M-G-M».

Depois de várias discussões, a «Tiffany» renovou o seu contrato com Ken Maynard, para a qual fará uma série de 6 fitas de oeste tendo aquela casa o direito de continuar o contrato por mais dois anos.

Com Ramon Novarro em «Huddle», a fita que ele está fazendo para a «M-G-M», entram Madge Evans, Una Merkel e Martha Sleeper.

Carmine Galone começou já filmando «Le Fils d'Amérique», para a casa «Osso», com Albert Préjean e Annabella como protagonistas.

A escritora e cenarista Frances Marion firmou com a «M-G-M» um contrato de longa duração. Miss Marion está es-

## O filme «Atlantida» já foi adquirido para Portugal

Podemos informar os leitores de que o filme «Atlantida», que G. W. Pabst, o famoso realizador de «4 de Infantaria» e «A Tragédia da Mina» está produzindo para a «Nero-Film», foi já adquirido para Portugal pela Agência Cinematográfica H. da Costa, L.<sup>a</sup>.

Pabst, que já regressou de Africa do Norte, onde esteve tirando exteriores, está agora filmando as cenas de estúdio. «Atlantida» inclui na versão francesa Brigitte Helm, Jean Angelo, Pierre Blanchard e Teta Tchai.

crevendo um argumento para ser interpretado por Marie Dressler, depois escreverá outro para Norma Shearer, ao qual se seguirá um novo assunto para a interpretação de Marion Davies.

O Dr. Arnold Fank, o realizador alemão que fez «A Montanha Sagrada», «Prisioneiros da Montanha» e outras fitas do género ainda não exibidas em Portugal, casou com Lisa Kind, secretária da direcção da casa alemã «Aafa».



«Fatalidade», que Josef von Sternberg dirigiu para a «Paramount», tem tido um grande êxito em todo o mundo e está obtendo enorme sucesso em Lisboa. no «Tivoli». Aqui vemos Marlene Dietrich e Victor MacLaglen, os dois principais interpretes de «Fatalidade».

«Damas do Presídio»  
é a nova produção de



Sylvia Sidney

Encabeçando o elenco de uma produção que foi reconhecida como obra de grande realidade, Sylvia Sidney teve o seu nome justamente elogiado por todos os jornais e revistas, que trataram de «Ruas da Cidade», essa fita tamrica de passagens humanas e cinematográficas. Depois, fez «Confissões», que ainda não vimos e, a seguir, «Uma Tragedia Americana», filmes em que a meticulosa atriz reafirmou as suas qualidades de artista exímia, segundo a imprensa estrangeira.

Agora temo-la num novo filme: é a produção «Paramount» «Damas do Presídio», em que Sylvia Sidney brilhou talvez mais dramaticamente do que nos seus trabalhos anteriores.

«Damas do Presídio» é uma história vertebralmente americana. Explora a justiça burlada pelo suborno e pela corrupção política. Sylvia, condenada com seu marido — este à pena de morte e ela à prisão perpetua — consegue por fim livrar-se do carcere e, com o auxílio dos jornais, estabelecer a sua inocência e salvar o esposo da degradante pena.

Alem do concatenamento do enredo, que é muito bem feito e real, este filme mostra-nos a grande fabrica que é uma dessas casas de correição na America, enorme e modernissimo viveiro contra cujas barras se espeitaça toda uma legião de mulheres címinosas.

Grande Raymond, que no filme faz as vezes de marido de Sylvia, é um novato no elenco da «Paramount», recentemente contratado, mas que neste seu primeiro trabalho não deixa a desejar.

«Damas do Presídio» é mais um soberbo filme de Sylvia.

Narração Cine-  
matográfica de F.  
W. Murnau e R. J.  
Flaherty

# “Tabu”

Apresentada pela  
“Paramount”

7—(Continuação)

Ao mesmo tempo, todas as paredes de bambú e de argila se ornavam com as horrorosas carantonhas dos génios, que só uma vez por ano se expunham em público, longe dos seus retiros obscuros.

No entanto, para estimular o ardor dos dançadores e dos músicos, faziam-lhes beber, uma aguardente primitiva, um licor embriagante feito com o suco de certas plantas, e que os feiticeiros maceravam segundo leis só deles conhecidas.

Os músicos, agrupados, batiam com a palma da mão, a compasso, em tambores cobertos de pele de tubarões; outros martelavam sem cessar numa caixa de madeira ôca, com uma baqueta de teca; outros, enfim, sopravam em conchas marítimas, tirando sons que nada teriam de harmonioso para ouvidos europeus, mas que, à sombra das árvores polinésias, valiam todas as fanfarras dum Wagner ou dum Berlioz!

De frente cingida com uma faixa de *tararé*, uma grinalda florida ao pescoço, e a parte baixa do corpo coberta com um avental de rafia, que faz lembrar o *tutu* dos «ratos» de ópera, os dançarinos entraram em cena. Escolhidos entre os mais belos, os mais vigorosos dos adolescentes, emoldoravam donzelas de seios nus. Ao ritmo destrambelhado, mas cadenciado, dos tambores, avançavam, receavam, mimavam os gestos da paixão passeavam no espaço as mãos como sobre uma face invisível. Os pés feriam o chão com igual ritmo; não havia nenhum vestígio de suor nos rostos escuros; e, à medida que a melodia provocava a febre, precipitava os seus acordes dissonantes e semelhantes, acentuavam êles também os gestos, multiplicavam e precisavam as suas evocações.

Por fim, elevaram-se vozes; o ventre dos dançarinos agitou-se, girou, descrevendo círculos estranhos, cujo centro parecia o umbigo. Os cabelos crespos conservavam-se direitos, para trás, como ao vento duma corrida: a chama do prazer brilhava em todos os olhos; e os espectadores, arrebatados também pela orgia dos movimentos, esse delírio de mimica apaixonada, voluptuosa, e, no entanto, dedicada aos deuses, a custo se retinham de se envolverem com os grupos turbilhonantes.

Em meio daquele *sabbat* regrado, apareceu de súbito Reri. Dançava melhor que as outras, que todas as outras, com uma ligeireza e um langor natural que faziam franzir a fronte pensativa de Hitu, acocorado nos calcanhares e que seguia com atenção todos os saracotelos da cativa que lhe estava consagrada. Sem esforço, na aparência, Reri adaptava as suas evoluções ao ritmo endiabrado dos tambores selvagens, à nota sempre idêntica e dura da caixa de ressonância, parecida com o apêlo nocturno dos sapos nos charcos.

Matahi só com grande dificuldade se resolveu a atar nos braços e na frente a corôa triunfante. Mas apareceu: sentia-se na sua cabana tam só, quando todos estavam em festa! Como uma fera na jau-

la! Melhor seria afrontar o perigo de frente e conhecer até final a amarga dorçura de contemplar aquela que ia perder.

De repente, viu a sua bem-amada que, em meio do círculo dos saltadores (porque se não podia já chamar dança àquilo, segundo as leis antigas ditadas pelos magos) tinha por parceiro um brutamontes de riso alvar. Matahi, então, não hesitou. Com toda a afoiteza do seu coração torturado, precipitou-se na arena, afastou o fantoche e, em frente da que amava, que não deixava de contemplar gravemente com a vista, pondo nessa contemplação derradeira toda a sua expressão e toda a sua fé, começou a dançar também, como sabia, como podia dançar.

Escapou-se então da assistência um grande grito, porque não era já o grosseiro remoinho de patinadores sem imaginação e sem leveza. Mas, virando-se um à roda do outro, cruzando os braços, roçando os peitos, Matahi e Reri eram belos, naquele momento, como os «proprios» a quem era dedicado aquele esforço.

Tinham se alem disso esquecido ambos da razão porque estavam e do que faziam ali. Estavam juntos, adoravam-se, dançavam.

Segundo os ritos mais antigos, mais solenes e mais respeitáveis, mas juntando à ciência outra coisa ainda: a sua alma atormentada, exausta, que chorava já o terrível abandono, a fatalidade inevitável.

(Continua).

## Nesta semana fazem anos:

De 12 a 18 de Março

- Março 12 — Leslie Fenton (29).  
15 — George Sidney (54).  
16 — Conrad Nagel (35).  
16 — Harrison Ford.  
18 — Betty Compson (35).  
18 — Edward E. Horton.  
18 — Rosita Moreno (22).

## Uma opinião

Vejam o que a filha de Marlene Dietrich pensa da sua mãe: «Tenho oito anos. Gosto muito da minha mamã. Estive muito tempo sem a ver no *écran*. Ha dias, quando o papá me levou ao cinema para ver a mamã a representar, fiquei parvinha de todo... E' que a mamã, em casa, é completamente diferente!... Não tem nada daquela *pessoa* que no cinema canta canções tam indecentes...»

Marie-Elisabeth Sieber  
Dietrich.



F R A N C E S D E E

é um dos mais novos e mais apreciáveis elementos da «Paramount»  
Ó Sr. Zukor, não se arranja um lugarzinho lá por casa? Nem que seja de «general  
manager». É só para ver a Frances Dee amiudadas vezes...

## Os leitores de «Cinema» e a «Colecção de Sempre»

Em virtude de queixas recebidas, por se extraviarem facilmente os folhetins dos romances que temos oferecido aos nossos leitores em páginas suplementares, resolvemos pôr termo a esse género de publicações. Os leitores não ficarão, porém, prejudicados, visto que terão direito a adquirir os volumes da "Colecção de Sempre" nas seguintes condições:

A partir do presente número, "Cinema" publicará uma senha colada, que os leitores irão reunindo até o número de quatro. Depois, contra a entrega dessas quatro senhas e mais a importância de 1\$20 no Porto e em Lisboa, e 1\$50 nas províncias, poderão adquirir os romances da colecção em referência, e que formam volumes de 128 páginas, impressas em bom papel e brochadas com capa a cores.

Com aquele dispêndio insignificante, destinado, aliás, a cobrir as despesas da brochura, do porte do correio e mesmo da colagem das senhas, tarefa custosa pela rapidez com que tem de ser feita, poderão os leitores ir formando uma pequena biblioteca extremamente económica, reunindo obras, cujos direitos de tradução adquirimos, dos melhores romancistas franceses da actualidade, sendo o custo avulso desses volumes de 5\$00.

As senhas, no Porto e em Lisboa, serão entregues nas casas que oportunamente anunciaremos: na província e nas Ilhas, em todas as agências de venda.

O primeiro volume editado intitula-se Mulher que passa — uma deliciosa história de amor — e poderá ser adquirido excepcionalmente a trêco apenas de duas senhas, para que os leitores tomem conhecimento da colecção que por este processo lhes oferecemos.

Está já a ser editado o 2.º volume, O amor vence.

Leitura atraente, variada, honesta, que pôde entrar em todos os lares.

**C** A realizadora francesa Germaine Du-lac está supervisionando a realização do filme «Picador», que Jaqueluxe está dirigindo nos estúdios da «Pathé-Natan», para a "M. C. Films".

«LA TRAGÉDIE DE LA MINE» est un admirable filme de Pabst. Cet ouvrage, un des plus émouvants que l'écran parlant ait produits, demeure un film d'exception et néanmoins destiné à une large diffusion. C'est un film qui doit toucher le coeur humain. Il apporte enfin la preuve que le cinéma peut s'élever et aborder les plus grands problèmes de l'heure présente.

— Lucie Derain, em «La Cinématographie Française».

# Pelas nossas Cinemas

O MISTÉRIO DA CASA-FORTE (Schatten der Unterwelt): — Harry Piel é um veterano do cinema alemão. E sempre no mesmo género policial ou de aventuras que criou um certo público, que tem os seus adeptos, os seus fans. Agora, em «O Mistério da Casa-Forte», é ainda a aventura, a aventura policial que êle aborda, e em que interpreta com



extraordinário à-vontade, próprio de quem leva já muitos anos a ver na sua frente a máquina de filmar, a figura dum daqueles heróis de que Eddie Polo, James Cruze, Francis Ford e outros quejandos foram os precursores.

Desta vez, porém, com a diferença de que, além da objectiva, ha que trabalhar o mike, e também, encarando-o como intérprete ou manejando-o como realizador, da mesma forma se houve Harry Piel, satisfatoriamente. A colaboração sonora toma particular valor nos filmes em que o interesse está suspenso numa frase, dum grito, dum ligeiro ruído, e em «O Mistério da Casa-Forte» é auxiliar precioso, bem governado, sobretudo nas cenas interiores, porque, nos exteriores da Suíça, bem evidente está a post-sonorização, com incertezas de sincronização e diferenças de intensidade sonora.

As primeiras quatro ou cinco bobinas e talvez as duas últimas, isto é, todas aquelas que não incluem as cenas decorridas nos alvinitentes exteriores suíços, são as que possuem mais interesse, mais movimento, mais cinema. A acção inicia-se com rapidez, complica-se, torna-se misteriosa, sem extensões demasiadas nem parolagem desnecessária, com quadros de boa visão fílmica, umas gótas de Fritz Lang à mistura com um pouco de Von Sternberg, para finalizar com um coup de théâtre à Eddie Polo, que deve fazer delirar as plateias dos cinemas populares. Quando o entrecho nos desloca para a Suíça, é que a acção se retarda

muito, com aquelas perseguições sem fim e quadros sem qualquer alcance para o valor real da descrição cinemática, e onde se nota a preocupação única de nos mostrar lindos exteriores — tam lindos que se lhes perdoa o mal que fazem à narração fílmica, pelo bem que sabem à simples curiosidade visual.

De modo que «O Mistério da Casa-Forte», que tem muito mais virtudes do que defeitos, apresenta-se, pois, como uma fita que se vê com agrado, com certo merecimento técnico e grande valor comercial, este último, principalmente, para os cinemas populares, onde deve ser uma boa atracção de bilheteira.

Autor: Henrik Galeen. Realizador: Harry Piel. Intérpretes: Harry West, Harry Piel; Irene Dary Holm; Yvette, Elisabeth Pinajeff; O Inspector, Hans Junkermann; Berry, Hans-Behal; Jonny, Carl Balhaus; O comissário, Leopold von Lebedour; O pai de Jonny, Karl Goetz.

Produzida em 1931 pela Ariel-Film G. M. B. H. Programa Castelo Lopes, Ltda. Estreada no «Águia d'Ouro» em 7 Março 1932.

MADAME SATAN (Madam Satan): — Um filme de Cecil B. De Mille é sempre, no fundo, uma lição de moral. Tinha-a «Os 10 Mandamentos», tinha-a «O Caminho do Passado» (não sei bem se foi com este nome que vimos «The Road to Yesterday»), tinha-a «A Descrente», e tinha-a, também, embora sob um aspecto social, «O Barqueiro do Volga». E tem-na também, agora, «Madame Satan», na forma do motivo básico de todo o entrecho, que visa a lembrar ao homem que não deve ir buscar longe a felicidade que tem perto de si, e à mulher, que deve saber prender o marido com o calor das suas atenções, dos seus cuidados, dos seus carinhos...

Como se vê, um objectivo lindíssimo, e, à primeira vista, muito simples, até mesmo banalíssimo. Banalíssimo, se o argumento não fosse escrito por Jeanie



MacPherson e materializado por Cecil De Mille. Vocês conhecem a Jeanie MacPherson? E, para o Cecil De Mille, o que a Thea von Harbou é para o Fritz Lang, pondo de parte, é claro, os laços conjugais que ligam êstes últimos. E' ela a colaboradora de 99 % dos seus filmes, foi ela quem cenarizou todas as fitas acima referidas de De Mille, e, de algumas, tem sido também a própria autora. Como de «Madame Satan».

Trabalhando ao lado de Cecil B. De

Na Capa: — Lilian Harvey e Henry Garat no novo filme-opereta da «Ufa» «Dois Corações a Compasso».

Redactores:  
João Santos  
e Sousa Martins

Redacção e Administração:  
Rua do Bom Jardim, 436-3, o  
PORTO

# CINEMA

## SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS  
Continente e Ilhas:  
Trimestre, 12\$00, Sem.  
24\$00, Ano, 46\$00 —  
Ultramar: Trimestre,  
14\$50, Sem. 29\$00,  
Ano, 56\$30.

Administrador e Editor:  
Eugénio Peres

Comp. e imp. nas oficinas  
da Empresa AQUILA  
Rua Duque Saldanha, 312  
PORTO

Mille desde ha muitos anos, conhecendo à maravilha «a sua maneira», Jeanie MacPherson escreveu, sobre um motivo de aparente simplicidade, um cenário em que o realizador pudesse empregar as suas qualidades muito amplas, muito vastas, de grande director, um dos maiores valores da cinematografia mundial.

«Madame Satan» tem duas partes distintas, da mais absoluta diversidade quanto à realiação, da mais perfeita continuidade quanto à descrição da ideia, e ambas 100 % Cecil B. De Mille. A primeira, no ambiente doméstico, em que o triângulo amoroso — Kay Johnson, Reginald Denny e Lillian Roth — é a origem do conflito, figura geométrica, modificada pela presença de Roland Young, que, como actor cómico de grande valia, muito contribui para a graça que, continuamente, se verifica em todas essas bobinas. Depois, na segunda parte, a inclinação que sempre Cecil De Mille mostra pelos quadros de grande encenação, observa-se em todo o seu poder de manifestação no baile de máscaras a bordo do dirigível, quadros de grande exuberância cénica, mas sempre submetidos ao valor cinegráfico, de modo que a acção nunca diminui de interesse, e todas as canções, as danças, os conjuntos feéricos e originais de todos esses quadros, pesados e medidos convenientemente, entremeados com saber, não causam o menor prejuizo ao desenvolvimento fílmico do entrecho, e «Madame Satan» resulta uma obra completa, uma película de grande valor que se vê e ouve com a maior satisfação.

Autora: Jeanie MacPherson. Cenarista: A mesma. Director de baile: Leroy Prinz. Fotografia: Harold Robson. Realizador: Cecil B. De Mille. Intérpretes: *Angela*, Kay Johnson; *Bob*, Reginald Denny; *Trixie*, Lillian Roth; *Jimmy*, Roland Young; *Martha, a criada*, Elsa Petersen. Outros intérpretes: Wallace MacDonald, Wilfred Lucas, Vera Marsh, Marth Sleeper, Youcca Troubetskoy, Theodore Kosloff, Abe Lyman e a sua orquestra.

Produzida em 1930 pela «Metro-Goldwyn-Mayers», Programa «Metro-Goldwyn-Mayer Films, Ltda.» Estreada no «Trindade» em 8 Março 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

### «A TRAGÈDIA DA MINA»

(Continuação da página 9)

sombra avançava, cujo rosto se encontrava coberto com uma dessas horrorosas máscaras.

— Os alemães! — gritou —, alerta! Fogo sobre eles!

O homem avançou, chegando junto dele. O francês agarrou-o pela garganta, levantando a chave inglesa. Lutaram ambos freneticamente. Por fim, o salvador conseguiu dominá-lo, e, para ir procurar socorro, subiu para uma vagoneta, que lançou sobre a via em declive. Em meio da corrida rápida, porém, a vagoneta virou-se e o desgraçado Hans rolou por terra, de braço desconjuntado. Teve ainda tempo de dizer para os camaradas que acudiam:

— Lá em cima, dois homens!  
E perdeu os sentidos, com a dôr.

... O velho Martin, seu neto e os três alemães tinham podido ser livres a tempo. João e Emílio estavam salvos. Alguns dias de hospital restabeleceram-nos, bem como aos salvadores que precisaram de receber tratamento.

Tempo depois, por um domingo alegre, franceses e alemães encontraram-se diante dos camiões que iam reconduzir para a Alemanha os salvadores estrangeiros. Subindo a um dos veículos, João pronunciou algumas palavras de agradecimento.

— Somos todos mineiros! — disse com aplauso dos camaradas. E' graças a vós que nós estamos vivos, Emílio, Jorge, o tio Martin e eu. Obrigado por essa solidariedade da mina em face do perigo comum. E reconhecamos, antes de nos separarmos, que uns e outros só temos dois verdadeiros inimigos: a guerra e o grísú...

## BATALHA

(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

Não esqueçam que é na próxima terça-feira, 15, que se estreia neste cinema a super-produção da «Paramount»

## MONTE-CARLO

Delicioso filme-opereta de LUBITSCH, com JEANNETTE MacDONALD e JACK BUCHANAN

O MAIOR EXITO DESTA TEMPORADA

PREÇOS POPULARES

A BILHETEIRA ABRE ÀS 2 HORAS DA TARDE

## N.º 8

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

## Senha de Bonus aos compradores do «CINEMA»

Desconto de 40 % no «Trindade» e 50 nos restantes, nos seguintes espectáculos:

TRINDADE — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 17 e 19 de Março

OLYMPIA — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 17 e 19 de Março

PASSOS — Matinée de Quinta-feira, 17 de Março

BATALHA — Matinée de Quinta-feira, 17 de Março

CINE-ODEON — Soirée de Sábado, 19 de Março

C  
I  
N  
E  
M  
A  
15

# Castelo Lopes, L.<sup>da</sup>

a firma detentora dos melhores  
filmes europeus e americanos,

apresentará brevemente:

## Oh! Que Viuva!

Produção da "United Artists", o primeiro  
fonofilme da grande actriz  
GLORIA SWANSON



## A Fera Amansada

Super-filme com DOUGLAS FAIRBANKS  
e MARY PICKFORD



## Anny no Paraíso

A mais recente produção da querida actriz  
ANNY ONDRA

e segue...